



## O PROFESSOR SUFICIENTEMENTE BOM, DAS QUADRAS PARA A VIDA: NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

Resumo - A partir das narrativas dos atletas olímpicos brasileiros, que compõe o acervo das narrativas biográficas que integram a pesquisa Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros, professores são lembrados de maneira destacada, carinhosa, com afeto e principalmente com a sua relevante importância reconhecida. Estes professores são trazidos nas narrativas de suas memórias, na sua trajetória de maneira espontânea, ou seja, diante de uma pergunta norteadora, aberta, sem sequer terem sido perguntados sobre a escola ou mesmo sobre seus professores. Este artigo tem como objetivo identificar a presença do professor na trajetória de vida dos atletas olímpicos que pode ser significativa e se assemelha a concepção winnicottiana de mãe suficientemente boa, neste caso, o professor suficientemente bom. A discussão é sobre como estes professores, que poderiam muito facilmente ser comparados a pai ou mãe, fazem parte do constructo identitário destes atletas que outrora eram alunos. Responsável também pelo desenvolvimento do self, este professor é considerado pelos seus pupilos com pleno domínio do que ensina. O fato de também estarem diante de um momento sensível e muito significativo para ambos, o encontro entre o Mestre e o discípulo, pode marcar o início de uma trajetória. Nestes casos específicos, esta relação atravessou muros, oceanos, tempos e construiu pontes. O olhar atento de um professor e um desejo que foi despertado em seu aluno, e partem assim, ambos, para um chamado que de acordo com as narrativas destes atletas, mudaram suas vidas.

Palavras-chave: esporte na escola; professor de Educação Física; Olimpismo.

## THE GOOD ENOUGH TEACHER, FROM THE COURTS TO LIFE: BIOGRAPHICAL NARRATIVES OF BRAZILIAN OLYMPIC ATHLETES

Abstract – From the Brazilian Olympic athletes' narratives, which compose of biographic narratives collection that integrate the research Olympic Memories by Brazilian Olympic Athletes, teachers are remembered in a distinguished way, with care, affection and, mainly, with their recognized importance. Those teachers had been brought up to the athletes' narratives memories in their trajectory spontaneously, that means, in front of an open guiding question, without having been asked about school, their teachers, The objective of this article is to identify how the presence of this teacher in the students' life journey can be meaningful and resembles the Winnicottian conception of a good enough mother, in this case, a good enough teacher. The discussion is about how these teachers, who could easily be compared to father or mother, are part of an identity construct of these athletes that once were just students. Also responsible for the development of the self, this teacher is considered by his pupils of having the full domain of what he teaches. Adding to it, the fact both are in light of a sensible and very significant moment, the master-disciple encounter can set the beginning of a trajectory. In these specific cases, this relationship crossed the walls, oceans, times, and built bridges. The watchful eye of a teacher and a raised desire of a student, and depart, both, to a call that, according to these athletes' narratives, changed their lives.

Keywords: sports in school; Physical Education teacher; Olympism.

## EL PROFESOR LO SUFICIENTEMENTE BUENO, DE LAS CANCHAS A LA VIDA: NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE LOS ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEÑOS

Resumen - A partir de las narrativas de los atletas olímpicos brasileños, que componen la colección de narrativas biográficas que disponen la encuesta Memorias Olímpicas de los atletas olímpicos brasileños, los docentes son recordados de manera destacada, afectuosa, afectuosa y, sobre todo, con su reconocida relevancia. Estos docentes se crían en las narrativas de sus memorias, en su trayectoria de manera espontánea, es decir, frente a una pregunta orientadora, abierta, sin ni siquiera haber sido preguntados sobre la escuela o incluso sobre sus docentes. Este artículo tiene como objetivo identificar la presencia de del profesor en la trayectoria de vida de los atletas olímpicos, que puede ser significativa y se asemeja a la concepción winnicottiana de una madre suficientemente buena, en este caso, un profesor suficientemente bueno. La discusión gira en torno a cómo estos profesores, que fácilmente podrían compararse con el padre o la madre, son parte del constructo de identidad de estos deportistas que antes eran alumnos. También responsable del desarrollo del self, sus alumnos consideran que este profesor tiene pleno dominio de lo que enseña. El hecho de que también se encuentren ante un momento sensible y muy significativo para ambos, el encuentro entre el maestro y el discípulo puede marcar el inicio de una trayectoria. En estos casos concretos, esta relación cruzó muros, océanos, tiempos y construyó puentes. La mirada atenta de un docente y un deseo que se despertó en su alumno, y así, ambos parten para una llamada que, según los relatos de estos deportistas, cambió sus vidas.

Palabras-clave: deporte en la escuela; profesor de Educación Física; Olimpismo.

Maria Alice Zimmerman

mariaalice.zimmermann@gmail.com

Faculdade de Educação,  
Universidade de São Paulo, Brasil

<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id134>

Recebido: 28 out 2021

Aceito: 19 dez 2021

Publicado: 22 dez 2021

## Introdução

A partir do contato com o acervo das narrativas dos atletas olímpicos, que participaram da pesquisa Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros\* que de acordo com Rubio<sup>1</sup> considerou participantes todos os atletas brasileiros que foram aos jogos olímpicos desde a primeira participação brasileira, em 1920, percebe-se como a figura do professor de Educação Física transpõe o papel de orientador, treinador e técnico.

Esta relação entre professor e aluno é permeada de cuidados e olhares de atenção para proporcionar um bom desenvolvimento do aluno, que caminha para transformá-lo no escritor de sua própria história. Segundo Zimmermann e Rubio<sup>2</sup> “[...] a escuta atenta deste professor ao chamado da trajetória que brota de dentro do aluno, e que nem sempre é ouvido devido aos vários ruídos que o mundo contemporâneo nos apresenta, o impulsiona a voos maiores (p. 268)”.

Desta maneira, trago para a reflexão usando como referência a concepção winnicottiana de mãe suficientemente boa: o professor suficientemente bom. Como parte do desenvolvimento do *self*, este professor também tem passagem marcante nos momentos decisivos para as transformações vitais, que de certa maneira tem o poder de mudar radicalmente o significado e a direção da história de uma vida.

Neste artigo é destacado parte das entrevistas realizadas com atletas olímpicos onde há referência ao professor de Educação Física com grande consideração e apreço. Apresento a seguir a associação ao que Winnicott<sup>3</sup> considerava de mãe suficientemente boa, para aproximar esta relação de professor e aluno, diferenciada e trazida pelos atletas que outrora foram alunos.

## Metodologia

A pesquisa foi realizada partir do acervo das narrativas biográficas da pesquisa citada, onde de acordo com Rubio<sup>1</sup> todas as histórias narradas pelos atletas foram gravadas em vídeo e o convite norteador foi: “Por favor, me conte sua história de vida”.

Percebemos assim, como é marcante a passagem dos seus professores, e que mencionados de maneira espontânea trazem destaque a esta relação. A pesquisa se detém sobre histórias de vida de atletas olímpicos brasileiros que participaram de

---

\* Pesquisa desenvolvida pela Profa. Dra Katia Rubio, com aprovação na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, sob o processo 0052.0.342.000-09

alguma edição dos Jogos Olímpicos. São atletas de diferentes gerações, modalidades e regiões do país, que em comum se referem ao professor de Educação Física como um importante personagem na sua trajetória. A metodologia usada na pesquisa foi a da narrativa biográfica<sup>4</sup> que “são entendidas como discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo e das próprias experiências acumuladas na trajetória da existência (p. 115)”, onde o atleta era convidado a narrar sua história a partir de uma única pergunta disparadora: "Por favor, me conte sua história de vida". Desta maneira o atleta discorria sobre sua vida, como chegou ao esporte, como foi seu desenvolvimento, fatos, eventos, passagem pelos jogos, participação em equipes, amizades, desafios etc. O atleta entrevistado apresenta em sua narrativa, sua trajetória, às vezes, seguindo uma linha de tempo, por outras, nem tanto. Indo e voltando de fatos relevantes, de pessoas que cruzam seu caminho. São trazidas nestas entrevistas vários assuntos, estimulados por uma pergunta aberta, uma gama de informações sobre sua identidade, início de carreira, clubes por onde passou, pessoas que estiveram de maneira muito presentes nesta jornada, transferências de cidades, de país.

Por vezes são falas com muita emoção, outros momentos são relatados de maneira objetiva, talvez para contextualizar sua história.

Para Delgado<sup>5</sup> “[...] as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contém a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam (p. 23)” A autora considera ainda que são suportes básicos o significado que um tempo tem na memória e na própria história. As narrativas, os sujeitos, as memórias, suas histórias e identidades transpõem os tempos heterogêneos.

Delgado<sup>5</sup> considera assim a história em construção, sendo as memórias que falam: “Reconhecer o substrato de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, enfim uma gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas (p.13)”.

Segundo Portelli<sup>6</sup> as fontes orais são primordialmente uma arte da escuta, diferente de documentos históricos não são descobertas, são fontes cocriadas pelo pesquisador. São aplicadas como o eixo de uma outra forma de trabalho histórico, onde questões relacionadas a memória, narrativa, subjetividade esculpem a pesquisa. Não se

referem somente ao evento, mas também ao lugar e o significado do evento na vida de quem narra.

Durante a entrevista, segundo Zimmermann<sup>7</sup> acompanhamos diferentes momentos e desfechos de suas histórias de vida,

E numa tentativa de organizar sua história de vida, transbordam momentos que muito comumente não tenham sido relacionados em outros instantes. Por algumas situações o entrevistado narra fatos, percepções e sensações que nunca havia comentado com outra pessoa ou situação. Assim, em contato direto com fragmentos de sua memória, o atleta revive fatos, situações e pode assim trazer novas nuances da sua história, trazendo nas suas memórias um outro significado atual (p. 29).

Para este artigo, foram analisadas narrativas de 3 atletas olímpicos. Dois atletas do voleibol e um do atletismo. Os três possuem notadamente grande destaque no cenário esportivo, profissional e olímpico.

Nesta gama de história de vida, estes 3 atletas, trazem o professor que foi importante na sua jornada, destacadas a seguir pelos fragmentos de memória, de narrativas, que compõem a trajetória de atletas e seus professores. O atleta 1 tem sua história apresentada pelo fato do seu professor ter se tornado seu técnico quando foi para o esporte de rendimento. Esta relação durou muitos anos, saiu da escola e ganhou as pistas de atletismo do mundo e de algumas edições olímpicas. Já os atletas 2 e 3 tiveram o mesmo professor, que com eles somam 6 atletas olímpicos saídos da mesma escola e condição, ou seja, foram descobertos pelo mesmo professor.

A seguir apresento uma síntese biográfica de cada atleta e as suas relações com seus professores.

### **Atleta 1 – Joaquim Cruz**

Nasceu em Taguatinga. Seus horizontes começaram a se ampliar quando passou a frequentar a escola do SESI, onde as aulas de Educação Física faziam parte do currículo escolar desde a primeira série. Seus planos sofreram mudanças quando seu professor de Educação Física, Luís Alberto, buscou um aluno para participar dos Jogos Estudantis do Distrito Federal e indicou Joaquim para a vaga. Em seu primeiro treino cronometrado de 1.500 metros, registrou a marca de 4m47s. Apesar do bom tempo, a ideia de treinar sozinho e de ficar longe dos colegas de time não o agradava. Fugiu de treinos e

tentou driblar o professor, que solicitou à mãe ajuda para convencê-lo a ir ao campeonato. Persuadido a participar da competição, ganhou a prova e foi ao campeonato estudantil nacional. Aos 14 anos, competiu com atletas de 18 anos e terminou a competição em terceiro lugar com 4m03s. Em 1984, foi aos Jogos Olímpicos de Los Angeles e conquistou a primeira medalha de ouro, em pistas, do atletismo brasileiro nos 800 metros. No ciclo que se seguiu, manteve a intensidade dos treinamentos e também os resultados. Em 1987, foi medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis. Na prova dos 800 metros, nos Jogos Olímpicos de Seul, ganhou a medalha de prata. Depois de Seul, algumas lesões e cirurgias alteraram sua rotina e carreira. Ficou fora dos Jogos Olímpicos de Barcelona, mas alcançou bons resultados novamente, conquistando a medalha de ouro na prova dos 1.500 metros, nos Jogos Pan-Americanos de Mar Del Plata, em 1995, e chegando em 5º lugar no Mundial de Gotemburgo. Foi aos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, para se despedir dos Jogos Olímpicos e portar a bandeira no desfile de abertura. Encerrou a carreira no Troféu Brasil de Atletismo em janeiro de 1997, no Rio de Janeiro. Permaneceu em San Diego, nos Estados Unidos e, atualmente, é o técnico da equipe olímpica e paralímpica de atletismo norte-americana (p. 76-77)<sup>8</sup>.

Joaquim Cruz conta detalhadamente toda sua trajetória. Desde a teimosia em praticar uma determinada modalidade, que no seu desejo, poderia lhe trazer estudo, viagem e outras realizações. Era seu sonho. Foi descoberto pelo seu professor em uma modalidade diferente, assim como também ocorreu com os outros dois atletas que compõem este estudo. Foi resistente a essa nova prática, mas encarou algumas provas, ganhava facilmente dos adversários, começou a colecionar títulos e recordes. Mas não queria abraçar a novidade desta modalidade apresentada pelo seu professor. Com muito empenho este professor ia vencendo a resistência, que literalmente embarcou nesse sonho. Foi morar fora, ganhou medalhas e foi acompanhado de seu professor, que se transformou em técnico em mais que uma olimpíada. Sua narrativa é marcada pela presença de seu professor/técnico antes das provas e em momentos cruciais da sua trajetória de campeão olímpico. A relação deles foi intensa, partem para o exterior juntos para viverem cada um o seu sonho de excelência. Este atleta sofre muito com várias lesões que em um dado momento o faz repensar na parceria. Tiveram grandes desafios e o marcante desta convivência é que ela começa na quadra da escola e segue seu rumo às pistas de atletismo do mundo e de edições olímpicas.

É super difícil, você ouvir alguma coisa e deixar uma pessoa influenciar num momento tão importante na sua vida. Na verdade, eu pratiquei Atletismo, mais porque o Luis pediu, tá! Então, eu sempre

dividi aquele momento com ele, e ali, provou que nós éramos uma força só. Que, apesar dele contribuir com o treinamento, tudo, mas, na hora H, onde mais eu precisava de uma direção pra executar um plano, e quando às vezes não tinha nada, ele pum! Veio com o plano e eu pum! Executei! Ali, finalmente provou a força que um treinador tem na vida do Atleta (comunicação pessoal).

[...] Aí, eu fiquei uma semana sem aparecer na escola. Aí, quando apareci cara a cara, né! Eu cheguei na biblioteca, entrei na biblioteca, dei de cara com o Prof. Luis Alberto, tava lá com os meninos. Aí, ele apontou o dedo, “Se você fosse filho meu, você entrava aqui moleque!”. Aí, ele me chamou do lado, ele conversou comigo uns 40 minutos e falou: “Oh! Você pode fazer o basquete, o atletismo, é uma oportunidade, você corre bem, tá! Ah! vai lá, se não der nada, você fica no basquetebol, tá! Mas pelo menos...pelo menos tente!”. Aí, eu falei “tudo bem!”. Aí, eu fiz uns dois, três treinamentos e fui. Fui corri, ganhei minha competição, corri 4:19:02, isso aí, eu lembro. Mas, doeu, nossa! Doeu muito! ah!...ih! também achei que aquela ia ser a última vez. Aí, falou, “pô! ele conseguiu o índice pro...pros JEB’s “. “Ai meu Deus!”. Aí, mas tem uma seletiva pro JEB’s, ele só tem que ganhar. Aí, eu fui na seletiva, ganhei! Vai competir na...no JEB’scom atletas de São Paulo, Rio, do Brasil todo, né! Ih! eu tava...tinha 14 e ia competir com atletas com idade de 18 anos (comunicação pessoal).

## **Atleta 2 – Renan Dal Zotto.**

Nasceu em São Leopoldo Ainda criança, mudou-se para Porto Alegre, onde começou a jogar voleibol, no Colégio Estadual Inácio Montanha, sob orientação do professor João Batista. A convite do professor, que também era técnico da Sogipa, passou a treinar no clube, de onde saiu apenas, em 1980. Aos 13 anos, jogou pela seleção gaúcha e, aos 14, participou de seu primeiro campeonato brasileiro, sendo considerado o melhor atleta da competição. Em 1976, foi convocado, pela primeira vez, para a seleção brasileira juvenil. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de San Juan, em 1979, e foi aos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980. No ano seguinte, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde atuou pela Atlântica Boavista. Foi campeão do Mundialito, no Rio de Janeiro; vice-campeão mundial na Argentina, em 1982; e campeão pan-americano em Caracas, em 1983. Em 1984, voltou a Porto Alegre para atuar no Sul-Brasileiro e ficar mais próximo da família, quando conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Participou dos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, em 1987, e foi medalhista de bronze. Permaneceu na seleção até 1988 e foi aos Jogos Olímpicos de Seul, ficando em 4º lugar. Ao final da competição, transferiu-se para a Itália e passou a defender o Maxicomo Parma, onde jogou por cinco anos e foi várias vezes eleito o melhor atleta estrangeiro. Encerrou sua carreira no Ravenna. Voltou ao Brasil em 1993, para ser técnico do Palmeiras/Parmalat; do Chapecó; e, por fim, da Olympikus (p. 579)<sup>8</sup>.

Renan mantém contato com seu professor até os dias atuais. A época da entrevista contou que convidava seu professor (Prof. João Batista) para assistir aos jogos da sua equipe, este atleta agora é técnico da modalidade que se destacou. Os dois se encontravam, conversavam e mantiveram a relação de respeito e carinho que tempos atrás marcou o encaminhamento deste atleta para o esporte de rendimento. Este professor é referido pelo atleta com um profissional extremamente competente, conhecedor do esporte, disciplinado, e que com certeza o inspirou a traçar um caminho de sucesso.

Tenho o maior orgulho porque o meu primeiro treinador, este final de semana esteve em sua casa. Eu tenho uma ótima relação com ele ainda. Tá mais velhinho, é lógico, mas ele assim adora vôlei. Quando tem jogo, pega o avião, vem de Porto Alegre, pra ver os jogos aqui nosso, torce pra gente, tudo mais. Não perdi as raízes, mantenho contato com os amigos do Clube, “Eu não imaginava, não imaginava mesmo, sabe, mas eu tinha um sonho assim, de poder chegar à Seleção e tudo mais. Só que eu nunca imaginava que um dia viver do vôlei. Quando começou em 1981, se você era bom, você ganhava tênis e um cheeseburger. Era isso, só o lanche, sabe (comunicação pessoal).

### **Atleta 3 – Paulão**

Paulo André Jukoski da Silva nasceu em Gravataí. Durante a infância, brincou de futebol, handebol e atletismo. Sua mãe era professora, portanto, sabia que não podia descuidar dos estudos, quando foi convidado pelo professor de Educação Física, a ir como único reserva do time titular a um campeonato. Com a lesão de um dos atletas, tornou-se titular. Essa foi sua estreia no voleibol, aos 15 anos, o que lhe rendeu um convite para jogar na Sogipa. Depois de um mês e meio de treino, o custo do transporte e da alimentação levou a mãe a pedir que ele parasse de treinar. Ao comunicar o fato ao técnico João Batista, este o acalmou dizendo que tudo seria resolvido e, ao final de cada treino, o técnico lhe dava uma nota de cinco cruzeiros, que pagava o cachorro-quente e a passagem de ida e volta. De lá, transferiu-se para o Grêmio Náutico União, depois para o Sul Brasileiro e, para o Chapecó, até ser convocado para a seleção brasileira pela primeira vez, em 1985. Foi medalhista de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, em 1987. Foi aos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, quando a seleção ficou com a 4ª colocação. No ciclo olímpico seguinte, fez parte do time titular que foi aos Jogos Olímpicos de Barcelona e conquistou a primeira medalha de ouro. Participou do Mundial da Grécia, em 1994, e foi o capitão da equipe que competiu nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Atuou, ainda, pelas equipes: Banespa, Frangosul e Minas Tênis,

encerrando sua carreira de atleta no Maringá, em 1999, devido a uma hérnia de disco na coluna cervical. No mesmo ano, assumiu o cargo de diretor de esporte de alto rendimento, no Ministério Extraordinário do Esporte, na gestão de Lars Grael. Tornou-se técnico de voleibol e, no presente, dirige a equipe de Apav/Canoas (p. 577-578)<sup>8</sup>.

A narrativa de Paulão é emocionada ao falar deste professor (Prof. João Batista). Relata em vários trechos que quando perguntado o que estava pensando e sentindo no momento do pódio olímpico, no momento de receber sua medalha, respondia que pensava nesse professor, que o ajudava com cinco cruzeiros para continuar seus treinos. O que era suficiente para pagar o ônibus e proporcionar um cachorro-quente no retorno dos treinos.

Registra em sua narrativa que professores como o que teve deveriam ‘ganhar muito bem’, pois são responsáveis pelos valores notáveis para a sociedade, como respeito, determinação e amizade.

Que outro profissional poderia colaborar neste sentido com a formação de crianças de jovens? (comunicação pessoal).

Mas, tem que agradecer muito, muito, muito agradecimento, porque um professor que abre mão, a gente sabe que os professores já ganham pouco e ainda ter que pagar patrocínio para atleta, passagem e alimentação para atleta. E ele fez isso, tenho certeza, de coração, porque ele já tinha feito isso várias vezes. Uma vez dá certo, outra dá errado. E então, começou a minha carreira, dentro do voleibol (comunicação pessoal).

Os atletas Renan e Paulão tiveram o mesmo professor. Um antecedeu o outro. Renan foi inspirador de Paulão. Jogaram na mesma escola e clube. Este professor ajuda o atleta Renan a encontrar sua modalidade. Praticamente o descobre, percebe seu talento. O encaminha. Jogava futebol, além do mais era camisa 10 e foi instigado pelo professor a experimentar o voleibol. Gostou, tinha ‘jeito’ e se destacou. Paulão também é descoberto por este professor, inclusive também o traz da prática de outra modalidade, o handebol, assim como o Renan, que treinava futebol, era um camisa 10 inclusive.

As narrativas destes atletas remetem ao professor de maneira diferente, e são tão importantemente relacionados a gratidão e respeito.

## Discussão

### 1. A mãe suficientemente boa e o professor suficientemente bom.

Para alguns os papéis de mãe e professor se confundem. Talvez pelas mudanças de época e o momento social de transformações onde vivemos circunstâncias de descontinuidade educativa e familiar que informalmente se apresenta na sociedade.

Segundo Martínez<sup>9</sup>, “[...] as transformações provocam mudanças qualitativas no modelo social e de convívio em uma sociedade diversificada, plural, consumista – em alguns países mais do que em outros (p. 176)”

É importante considerar ainda, segundo o autor, que a escola tem um papel central no aumento da densidade cultural da população. Trago essa reflexão para pensarmos no papel social da escola e conseqüentemente de seus professores.

Ao propor uma aproximação da concepção winnicottiana<sup>3</sup>, que teve importante contribuições aos estudos do desenvolvimento emocional, consideramos a destacada relação professor e aluno, que por vezes é considerada mais que uma relação de amizade, de um mentor, mestre ou considerado como um parente mais próximo. Esses laços de consideração, cuidado, atenção pode ser confundidos ou tidos como uma relação de parentesco mais próximo como pai ou mãe. O fato de trazer a concepção de mãe suficientemente boa se refere ao trato que extrapola a atenção pedagógica e não a iguala de maneira alguma a atenção e cuidados dos genitores, de maneira alguma possui essa intenção.

De acordo com a concepção winnicottiana, a necessidade e preocupação emergente da mãe em estabelecer a comunicação, colocando-se como ego auxiliar de seu bebê, faz surgir a mãe suficientemente boa, para, nesta conduta adaptativa, constituir uma espécie de comunicação benéfica e sensível que poderá promover o ambiente de maneira potencial.

A mãe suficientemente boa, segundo Winnicott<sup>3</sup>,

[...] efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, adaptação que diminuiria gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração, e cujo êxito desses cuidados para com a criança depende da sua devoção e não do jeito ou esclarecimento intelectual (p. 25).

Há, desta maneira, uma preocupação da mãe em realizar todas as necessidades de seu bebê, para que não lhe falte nada, ela adapta o que lhe for preciso. Com o passar do tempo vai diminuindo estas adaptações, de maneira gradativa, para que estas adaptações se tornarem mais raras, menos constantes. É desta forma que a mãe proporciona experiências de fracasso, para estimular a sua autonomia.

O bebê percebe que sua mãe é continuidade do seu ser, como extensão do seu corpo, porque de certa maneira ela provê todas as suas necessidades, começando pela amamentação. Com a atenuação gradual destas adaptações de sua mãe, com relação aos seus desejos, o recém-nascido começa a realizar que sua mãe não é um desdobramento de si. Que ela é um outro "componente". Começa a entender assim, que se trata de outro ser. Segundo Winnicott<sup>3</sup>, “[...] o ser humano está envolvido, com a problemática da relação do que é objetivamente percebido com o que é subjetivamente concedido, desde seu nascimento (p. 26)”.

Desta maneira, segundo Aching<sup>10</sup> esta adaptação materna, regulada pela sua preocupação, necessariamente não precisa ser completa, podendo apenas ser suficientemente boa, sendo que as lacunas deixadas pela falta de algum cuidado serem preenchidas pelo bebê na sua potencialidade de desenvolvimento físico e principalmente emocional.

Para aproximar a experiência docente encontrada nas narrativas dos atletas olímpicos, onde o professor reconhece, respeita, inspira e atende as necessidades básicas dos seus alunos, o que de alguma maneira se aproxima desta mãe suficientemente boa. A considerar este encontro: docente e discípulo, ou mestre e discente.

No caso este professor suficientemente bom, segundo Zimmermann<sup>7</sup> está preocupado em proporcionar, condições de aprimoramento, incentivando seu aluno para que realize algo fora da média a fim de ser excelente. Há preocupação para além do trato pedagógico. Um encontro que certamente aponta potência e transformação, de ambos.

Nesta medida, seu objetivo é transformá-lo no escritor de sua própria história. Esta adaptação as necessidades supera o papel fundamental na promoção das habilidades motoras que aprimoram suas técnicas na execução de gestos realizados com maestria, e assim, se apresenta como um agente de mobilização e contribuição para projetos de vida.

O professor está atento ao que o aluno deseja, e muitas vezes, sem ele próprio perceber, ou mesmo saber. A sensibilidade deste formador e transformador de vidas, se assemelha ao processo de mãe suficientemente boa, que segundo Winnicott<sup>3</sup>, estabelece a proximidade de acordo com suas necessidades e aos poucos vai se afastando do filho, e no caso do aluno, considerando os desafios que este vai enfrentar na trajetória de sua vida. O professor tende a suprimir as necessidades de seu pupilo, na intenção que não lhe falte nada para seu desenvolvimento físico, mental e emocional, para que este possa se aventurar de acordo com o chamado ouvido pela vida esportiva.

Pode ter sido por lhe apresentar outra modalidade, pela insistência da experimentação do novo, por ter enxergado alguma possibilidade de sucesso, muitas vezes antes que seu pupilo soubesse, mesmo sem ter ideia do novo que ainda não compreendia na hora do desafio firmado. Este professor tentava assegurar a permanência nos treinos, às vezes negociando com os pais dos alunos, às vezes proporcionando condições para este aluno não abandone o esporte, seja por providenciar alimentação, ou mesmo recursos para o transporte. Incentivava para que este, apesar das dificuldades e entraves apresentados pela vida, não desistisse da sua busca.

Para Zimmermann<sup>7</sup>, o que para alguns é cotidiano, para outros é extraordinário, no sentido de superar seu papel de professor de educação física: [...] esse professor foi capaz de alterar o curso de uma trajetória pelo fato de ter tido o cuidado e olhar, observar e pontuar um detalhe que, no futuro, fará toda a diferença na vida de um jovem (p. 63).

É importante destacar mais uma vez, que trazer para esta discussão pontos de sinergia entre mãe e professor no sentido de suficientemente bons, requer cuidado para não corresponder os papéis. A aproximação se deve no sentido dos cuidados que cada um oferece aos seus.

## **2. Constructo identitário**

Embora, às vezes seja confundido com o papel de pai e/ou mãe, e por muito da sua rotina seja de cuidados e olhares atentos, o professor segue seu papel de orientador e um cuidador diferenciado no sentido de antever as necessidades de seus pupilos, e entendendo seus sonhos e desejos. Exerce assim um papel fundamental no constructo

identitário de seus alunos, sua colaboração nesta construção é de alguém que não faz parte do primeiro núcleo (núcleo primário) de convivência, a família.

Para Safra<sup>11</sup> precisamos dos diferentes para nos constituir. E nesse processo de formação acabam por se constituir, professor e aluno, visto que é um processo fluido e contínuo.

Nas narrativas dos atletas, o professor não aparece como um substituto, com frases do tipo: Ele foi como um pai ou como uma mãe. Ele se torna um terceiro elemento responsável por este constructo identitário de seu aluno. Sensibilizando para a disciplina, para o foco, abre horizontes de reflexões, sugere o aprimoramento no seu autoconhecimento, possibilita ancoragens em outros portos culturais, inclusive ampliando a sua cultura esportiva.

De acordo com Zimmermann e Rubio<sup>2</sup> é a partir desta relação de afetividade e confiança que se estabelece vínculos. Esse professor possibilitará a adaptação do aluno ao mundo, de acordo com os desejos e sonhos do seu pupilo.

Encontramos algumas marcas, como pontos comuns, nas narrativas destes atletas, referente a essa relação de cuidado, como: de um profissional extremamente competente, dedicado, esses professores eram vistos como apaixonados pelo que faziam, possuíam total domínio do que ensinavam. São ainda apontados como responsáveis por terem contribuído por ganharem o mundo.

Ao discutir a importância da dimensão afetiva, Safra<sup>12</sup> aponta a constituição de relações de aprendizagens: “[...] o acontecer humano demanda a presença do outro; as primeiras organizações psíquicas do bebê, a entrada na temporalidade, a abertura da dimensão espacial e a personalização só se constituem e ganham realização pela presença de alguém significativo (p. 147)”

Quando o aluno traz em seu desejo a busca ao chamado para a vida esportiva, também sinaliza que seu mundo está se ampliando. Logo irá para o clube, conhecerá outros técnicos, outros atletas da equipe, poderá jogar em outras cidades, estados e países. Inicia-se assim sua jornada rumo ao seu projeto de vida.

Não é somente o aprimoramento técnico que importa ou interessa. A expectativa de uma revitalização intelectual por parte dos alunos pode servir de pretexto para esse encontro. Para Gusdorf<sup>13</sup> esta relação mestre e discípulo é permeada, presenteada por descobertas, “Toda vida humana tem necessidade de ser chamada à ordem de si própria.

O professor dá ao discípulo, mais ou menos felizmente, mais ou menos plenamente, a revelação de sua própria existência (p. 54)”. Neste caminho de aprendizagens há outra denominação além de professor, o mestre. Na verdade, o mestre se diferencia do professor no sentido de promover o encontro do aluno com o seu Eu, colaborando na sua busca. O professor cumpre sua tarefa de ensinar a todos a mesma coisa; o mestre manifesta que cada aluno uma verdade particular, e aguarda que este aluno responda de maneira singular com uma realização. Neste sentido, o professor cumpre sua função, o mestre vai além, traz para os dias algo mais que a manifestação do saber, não é um repetidor da verdade já pronta.

Segundo Nóvoa<sup>14</sup>, “É difícil imaginar um processo educativo que não conte com a mediação relacional e cognitiva dos professores (p. 14)”. Estes professores suficientemente bons podem trazer a nossa reflexão sobre sua ambivalência entre o trabalho objetivo e o plano afetivo, entre outras anunciações discursivas para uma consciência mais aguçada, segundo Gens<sup>15</sup>, possíveis a profissão docente.

### **Considerações finais**

O professor de Educação Física de vários atletas olímpicos, influenciou o processo de ‘encantamento’ e formação daqueles que decidiram fazer da prática esportiva e do sonho olímpico companheiros de uma longa jornada cheia de desafios. Apareceu presente em suas narrativas e possuiu ação transformadora no início de suas jornadas.

Vários são os atores que nos ajudam a nos formar, a nos constituir. Irmãos mais velhos, tios, tias, avós primos, ídolos. Todos estes atores colaboram como uma peça de quebra-cabeça, nesta formação de indivíduo, de cidadão, de atleta. O professor também atua diretamente nesta formação como vários atletas já narraram. Ultrapassa os limites pedagógicos da sala de aula, ou melhor das quadras, colaborando com os projetos de vida dos estudantes.

O professor suficientemente bom, provê com certo dinamismo e potencialidade o que for preciso para o bom desenvolvimento dos seus pupilos. Considera a todo momento certa distância nesta relação para que este aluno se constitua e tome para si o rumo do seu projeto a escuta do chamado que a vida esportiva lhe apresenta. Este professor facilita ao aluno a busca, a inspiração da sua própria existência e promove

desta maneira a descoberta do aluno com seu Eu, ou seja, como parte do desenvolvimento do self. Um encontro de vidas, pois neste processo o professor também é chamado ao desafio, o seu desenvolvimento de mestre.

Para finalizar, de acordo com Henriques<sup>16</sup> não é mais possível continuar a pensar na existência destas relações sociais, das relações que envolvem a formação de conhecimento destes professores deixando de considerar a dimensão simbólica. Há mais aspectos envolvidos que os aspectos físicos e materiais. É necessário que as pessoas se vejam nessa relação, que vai além do aprendizado curricular. É importante que se vejam neste processo, a sua imagem e a do outro.

## Referências

- 1 Rubio K. A experiência da pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros. *Acervo*. 27(2):93-105.
- 2 Zimmermann MA, Rubio K. A lembrança do professor de Educação Física. In: Rubio K. *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Keops; 2016.
- 3 Winnicott DW. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora; 1975.
- 4 Rubio K. *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos; 2014
- 5 Delgado, LAN. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*. 2009;6:9-25.
- 6 Portelli A. *História oral como arte da escuta*. São Paulo; Letra e voz; 2016.
- 7 Zimmermann MA. *O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros [tese]*. Escola de Educação Física e Esporte. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2019.
- 8 Rubio K. *Atletas olímpicos brasileiros*. São Paulo: Editora SESI -SP; 2015.
- 9 Martínez M. *O trabalho docente e os desafios da educação*. In: Penin S, Martínez M, Arantes VA. *Profissão docente. Pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus; 2009.
- 10 Aching MC. *A mãe suficientemente boa: imaginário de mães em situação de vulnerabilidade social [tese]*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 2013.
- 11 Safrá G. *Momentos mutativos em psicanálise: uma visão Winnicottiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1995.
- 12 Safrá G. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unmarco; 2005.
- 13 Gusdorf G. *Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes; 2003.
- 14 Nóvoa A. *Profissão professor*. Porto: Porto Editora; 2014.
- 15 Gens A. *As figurações do professor: entre símbolos e mitos*. In: Azevedo NSN. *Imaginário e educação: reflexões teóricas e aplicações*. Campinas: Alínea; 2006.
- 16 Henriques EM. *O imaginário e a formação do professor: contribuições sobre o processo de significação*. In: Azevedo NSN. *Imaginário e educação: reflexões teóricas e aplicações*. Campinas: Alínea; 2006.